

CONTRIBUIÇÃO PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO 'DISTANCIAMENTO'
E DA 'PROCURA DE ADESÃO' EM SITUAÇÃO INTERLOCUTIVA

Maria Helena Araújo Carreira
"Institut d'Etudes des Pays
de Langue Portugaise"
Universidade Paris VIII

Os resultados obtidos num trabalho que apresentei recentemente sobre a expressão da categoria conceptual do 'DESACORDO' em português (Carreira, 1986) sublinham a importância metodológica da distinção entre expressão explícita e expressão implícita, para uma análise dos suportes linguísticos utilizados. Um dos resultados, na sequência directa do qual se situa o presente estudo, foi o seguinte: o distanciamento do alocutário, através da minimização do seu desacordo, da neutralização dos seus argumentos eventuais, do insulto indirecto, constitui um dos meios da expressão implícita do desacordo.

Partindo da hipótese - formulada aqui nos termos de Kerbrat-Orecchioni (1986) - que "toute unité de contenu, explicite ou implicite, possède un ancrage textuel direct ou indirect" (p. 16), tentarei apresentar uma análise dos suportes linguísticos das categorias conceptuais 'DISTANCIAMENTO' e 'PROCURA DE ADESÃO', em situação interlocutiva, assim como o enquadramento teórico dessa análise. Escolhi, para esse fim, alguns diálogos dos Arquivos do Centro de Linguística das Universidades de Lisboa.

Começamos pela observação dos suportes linguísticos do conteúdo implícito do distanciamento do alocutário.

Consideremos dois interlocutores, A e B¹. Têm aproximadamente a mes-

¹Inquérito nº 0289 dos Arquivos do "Português Fundamental" do Centro de Linguística das Universidades de Lisboa.

ma idade (uma 28 anos: A, outra 30 anos: B) e o mesmo nível de instrução (universitário). B é analista de trabalho e responde às perguntas de A sobre esse trabalho.

Analisemos algumas perguntas de A.

(1) "E depois qual é a utilidade disso?"

(1) Subentende que a utilidade do trabalho de B é posta em causa

por A.

Este conteúdo implícito tem os seguintes suportes linguísticos:

1. "e depois" - A validade informativa/argumentativa das afirmações anteriores é desvalorizada, por a informação não ser considerada relevante de um ponto de vista argumentativo ou puramente informativo. O conhecimento prévio - ou apresentado como tal - do conteúdo dos enunciados precedentes seria nitidamente marcado por "pois sim!"

O enunciado possível (2)

(2) "Pois sim! E depois, qual é a utilidade disso?"

seria, relativamente a (1), menos elíptico. Com efeito:

- num primeiro tempo, enunciando "pois sim", o locutor contestaria a pertinência do conteúdo informativo dos enunciados do seu alocutário. A descrição feita por Ducrot et al. (1980) de "mais oui" apoia a descrição que propomos: "on attribue au locuteur ... une prétention à informer, à apporter un renseignement nouveau ... et on nie en même temps qu'il l'ait fait, en se présentant soi-même comme déjà au courant de ce qu'il a dit" (p. 127);

- num segundo tempo, enunciando "e depois", o locutor imporia um limite, um corte, relativamente às afirmações anteriores do seu alocutário, assim como um desafio argumentativo. Esse desafio, componente do conteúdo implícito de "e depois", teria um matriz de nítida superioridade do locutor.

Em (1) "E depois, qual é a utilidade disso?", "e depois", condensando o conteúdo implícito de "pois sim" seguido de "e depois", desvaloriza as afirmações feitas anteriormente e lança um desafio argumentativo que, previamente, coloca o alocutário numa posição de inferioridade.

2. "isso" - designando o trabalho o mais indirectamente possível e localizando-o na zona do alocutário, nitidamente demarcada da do locutor, marca um distanciamento deste relativamente à "coisa" designada (o trabalho do

alocutário) e ao próprio alocutário. Remetendo o alocutário para a zona do que nem sequer é nomeado, o locutor distancia-se ativamente.

3. a entoação, de natureza oral, é também um suporte linguístico importante para a interpretação do enunciado(1).

Apesar de aqui nos limitarmos à forma escrita dos enunciados, apresentamos um breve apontamento relativo ao suporte fónico.

O estudo da entoação, relativamente pouco abordado devido à sua grande complexidade, deve fazer parte integrante dos estudos linguísticos. É esta também a posição de Kerbrat-Orecchioni (1986), que, no seu recente estudo sobre o implícito, põe, no entanto, o problema da fronteira entre o plano linguístico e o plano não linguístico. A componente vocal do riso, dos soluços, do sorriso, por exemplo, acompanhando realizações linguísticas, poriam claramente tal problema (cf. *ibid.* p. 15).

Um outra interrogação formulada por Grice (1978, p. 124), retomada por Kerbrat-Orecchioni (1986, p. 16), diz respeito à entoação específica de determinados actos de linguagem indirectos. Haveria, por exemplo, uma entoação específica da ironia?

Retomando o enunciado (1) e substituindo-o por (3),

(3) "Qual a utilidade?"

com o mesmo conteúdo implícito de (1), teremos, no registo oral, um suporte melódico diferente do que teríamos para um acto ilocutário directo (pedido de informação) como (4).

(4) "Qual a utilidade?"

Ao nível do significante fónico, a entoação é o único elemento distintivo para a interpretação de (3) e de (4).

O distanciamento de A relativamente a B, resultante da interpretação do conteúdo implícito de (1) tem, como acabamos de expor, um suporte linguístico que, apesar da sua aparente simplicidade, subtende um conjunto de operações complexas.

Em (5)

(5) "E isso dá lugar a alterações?"

A põe de novo em causa a utilidade do trabalho de B, apesar das explicações fornecidas. Embora o conteúdo implícito seja próximo do de (1), o distanciamento

é mais atenuado.

Tal como em (1), o distanciamento é marcado pelo deíctico "isso" (v. supra). O estudo da entoação seria fundamental e eventualmente poria em causa a interpretação que propomos de atenuação do distanciamento, só com base no suporte escrito.

Essa atenuação estaria ligada a uma gradação de actualização do conteúdo implícito comum a (1) e a (5) (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1986, p.305). Em (5), o pedido de justificação a um nível prático, na sequência de uma justificação a nível geral, por um lado subentende a aceitação da justificação geral dada pelo alocutário - o que atenua o distanciamento; por outro lado, põe em dúvida a utilidade do trabalho, o que vai no sentido de um distanciamento. Há assim um reforço do conteúdo implícito de (1) "E depois qual é a utilidade disso?" (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1986, p.303).

Em (6)

(6) "E quantas pessoas é que estão a fazer isso?"

e em (7),

(7) "Mas isso é uma empresa que tem muita gente?"

o distanciamento é marcado como nos enunciados acima analisados pelo deíctico neutro "isso". De notar que se trata do único "indicador" ligado às pessoas de interlocução eu/tu. A propósito da série dos demonstrativos, lembremos uma passagem do texto de Benveniste (1966): "Ils sont organisés corrélativement aux indicateurs de personne ... Il y a ici un trait nouveau et distinctif de cette série: c'est l'identification de l'objet par un indicateur d'ostension concomitant à l'instance de discours contenant l'indicateur de personne" (p. 253).

A escolha do "indicador de ostensão" "isso", identificando o objecto, sem o nomear, numa dada situação enunciativa, organiza o espaço interlocutivo: o eu distancia o tu situando-o na zona de que, segundo o sujeito da enunciação (nesse caso eu), não merece sequer ser nomeado.

Num outro diálogo², recolhemos o seguinte enunciado:

(8) "Olhe, pronto, abre a porta, pá, tire o vermelho, porque não há hipótese nenhuma!"

Eis os elementos contextuais necessários à sua interpretação: um grupo de técnicos de uma empresa, em reunião de trabalho, utiliza, pela primeira vez, um botão encarnado que indica não deverem ser interrompidos. Trata-se de uma empresa onde, segundo o locutor, não é possível trabalhar-se sem interrupções.

²Inquérito nº 1264 dos Arquivos do "Português Fundamental".

O enunciado (8) é emitido em resposta a uma entrada considerada abusiva, pontuada por (9).

(9) "Que engraçado, tá ali um coiso vermelho! Porque é que os senhores hoje puseram o vermelho?"

Para respondermos à análise do distanciamento em (8), consideramos duas partes:

(8.1) "Olhe, pronto, abre a porta, pá, tire o vermelho"

(8.2) "porque não há hipótese nenhuma!"

O distanciamento provém em (8.1) da interpretação do seu conteúdo implícito como sendo radicalmente oposto ao seu conteúdo explícito; em (8.2), da justificação radicalmente negativa de (8.1).

Este trabalho interpretativo é possível graças ao envolvimento pragmático (cf. Pottier, 1984, p. 62) do enunciado, envolvimento socio-culturalmente determinado. O locutário reconstrói uma representação conceptual tributária de determinados hábitos sociais.

Recorremos aqui à noção de níveis de análise proposta por Pottier que passamos a apresentar de um modo breve. Pottier considera necessários "pelo menos" quatro níveis de análise: nível referencial, "celui du monde réel ou imaginaire 'objets, rêves, mémoire du discours d'autrui, photo)"; nível conceptual, "celui de la saisie mentale, de la représentation construite à partir du référentiel, à la fois tributaire des habitudes sociales et des besoins créatifs individuels"; nível da língua natural, celui de la compétence linguistique dans son ensemble" e, por fim, nível do texto produzido, "résultat de diverses interférences de systèmes (linguistique, cognitif, contextuel, situationnel, intentionnel) en corrélation possible avec d'autres systèmes sémiologiques (gestes, proxémique, illustration...)" (p. 61; ver também Pottier, 1974). Esta ordem de apresentação é onomasiológica e, como é evidente, inverte-se numa perspectiva semasiológica (que tem sido a nossa, nesta análise).

A interpretação consistirá pois na reconstrução/reconstituição do conceptual, a partir do linguístico e de outros sistemas semiológicos correlatos.

A noção de "universo de crença" - apresentado por Martin (1983) como "l'ensemble des croyances d'un locuteur" (p. 97) ou, numa outra passagem, como "l'ensemble indéfini des propositions que le locuteur au moment où il s'exprime, tient pour vraies ou qu'il veut accréditer comme telles" (p. 36) - é uma noção de ordem socio-cultural, também operatória para a abordagem do problema que ten

tamos posicionar: o trabalho interpretativo.

A interpretação corresponderá, nesta perspectiva, à reconstrução de um "universo" bem enquadrado socio-culturalmente (eu-aqui-agora) a partir de pontos de referência enunciativos (Martin, 1983. p.93). Poderemos estabelecer um paralelo entre o nível a que se situa o "universo de crença" (Martin) e o "nível conceptual" (Pottier) acima referido.

Em (8), a regra de pertinência é transgredida literalmente: vendo a porta aberta, o locutor enuncia "abra a porta".

A extracção do conteúdo implícito, oposto neste caso ao conteúdo explícito, será necessário para uma correcta interpretação do enunciado, interpretação tributária de um conjunto de normas comunicativas relativas a uma determinada colectividade.

Essas normas, designadas "máximas conversacionais" por Grice (1975/1979), "leis do discurso" por Ducrot (1979, p.24) e "regras retórico-pragmáticas" por Kerbrat-Orecchioni (1986, p.211), fazem parte integrante da comunicação linguística. Kerbrat-Orecchioni propõe o termo "competência retórico-pragmática" para designar "l'ensemble des savoirs qu'un sujet parlant possède sur le fonctionnement de ces 'principes' discursifs qui sans être impératifs au même titre que les règles de bonne formation syntactico-sémantique, doivent être observés par qui veut jouer honnêtement le jeu de l'échange verbal" (ibid., p.194).

A sequência (8) anuncia um corte na coerência interdiscursiva. Com efeito, seguindo-se a um pedido de informação (v. (9) "... Porque é que os senhores hoje puseram o vermelho?"), não responde a esse pedido (cf. não cumprimento da "máxima de cooperação" de Grice, 1975/1979).

Analise-se mais de perto os suportes linguísticos de (8).

- "olhe pronto", constituinte de preparação do "acto director" ou "principal" (Roulet et al., 1985, p.27), tem uma dupla função:

1. procura de aprovação discursiva, pelo emprego da "fórmula interlocutória" "olhe" (Maças, 1976; cf. Schmidt-Radefelt, à paraître: "partículas discursivas interaccionais");

2. expressão de aprovação "pronto" (à semelhança da designação "partícula com função de procura de aprovação discursiva", proposta por Settekorn,

1977 (citado por Roulet et al., 1985, p.219)).

- Os enunciados "abra a porta", "tire o vermelho", emitidos numa situação dada, num determinado universo de crença, filtrados segundo determinadas leis do discurso (v. supra), serão interpretados segundo o sentido implícito, oposto ao sentido explícito (cf. "feche a porta", "ponha o vermelho").

A expressão de aprovação inicial "olhe, pronto", preparando uma falsa aprovação, será reinterpretada posteriormente como desaprovação. Utilizando a terminologia de Roulet et al., poderemos afirmar tratar-se de um "movimento retroactivo de infirmação" (Roulet et al., 1985, p. 235).

- O enunciado justificativo (8.2) "porque não há hipótese nenhuma" explícita o alvo até aqui implícito, da "estratégia global" (ibid., p.228) de (8): reprovação do comportamento não verbal e verbal do alocutário.

Assim, o distanciamento em (8) resulta de uma estratégia de reprovação expressa:

1. implicitamente, mas interpretada de acordo com o "sentido intencionado" (ibid., p.235) (v. supra "situação", "universo de crença", "leis do discurso");
2. indirectamente, através de uma justificação explícita.

Após a análise dos suportes linguísticos do 'DISTANCIAMENTO' expresso num certo número de enunciados, ensaiemos agora uma análise dos suportes linguísticos da 'PROCURA DE ADESAO', em situação interlocutiva.

Começaremos por distinguir:

1. enunciados que exprimem implicitamente uma estratégia de tentativa de suspensão ou de anulação da estratégia de distanciamento do alocutário;
2. enunciados que exprimem implicitamente uma estratégia de procura de adesão, partilhada pelos interlocutores.

Analisámos, na primeira parte deste trabalho, alguns suportes linguísticos de distanciamento dos enunciados do locutor A. Vamos agora debruçar-nos sobre os enunciados de B³ (alocutário de A) pelos quais se desencadeia o

³Inquérito nº 0289 dos Arquivos do "Português Fundamental".

que Roulet et al. designam "estratégia reactiva" (ib., p.245) ou "golpes estratégicos reactivos" (ibid., p. 235). Estes "golpes" terão por efeito a suspensão ou a anulação da estratégia de distanciamento de A.

Estabelecem-se assim, entre os enunciados de B e os de A "relações de bloqueio". Passamos a citar os autores de L'articulation du discours en français contemporain (Roulet et al., 1986). "Par relations de blocage, nous désignerons génériquement les processus dans lesquels le déclenchement d'une stratégie réactive a pour effet de produire ou de sanctionner la suspension ou l'annulation de la relation entre la source et la cible d'une stratégie locale ou globale, interactionnelle, interactive ou interprétative" (ibid., p.245).

B recusa implicitamente a estratégia de distanciamento de A, opondo-lhe uma estratégia oposta: a de procura de adesão.

Na impossibilidade de apresentarmos aqui um estudo exaustivo das estratégias desenvolvidas, limitar-nos-emos à análise de alguns suportes linguísticos da procura de adesão de B, relativamente a A.

1. As sequências de enunciados de B constituem respostas directas aos pedidos de informação formulados por A, ignorando a sua estratégia de distanciamento (v. supra).

Assim, no início das suas intervenções, B retoma um ou vários elementos lexicais ou semânticos das perguntas de A. Alguns exemplos:

- (10) A - "E depois qual é a utilidade disso?"
 B - "A utilidade disso é, é ..."
- (11) A - "E isso dá lugar a alterações?"
 B - "Isso tem que ser constantemente actualizado, quer dizer,..."
- (12) A - "E quantas pessoas é que tão a fazer isso?"
 B - "Tão cerca de dez..."
- (13) A - "Mas isso é uma empresa que tem muita gente?"
 B - "Tem entre seis mil e sete mil pessoas..."
- (14) A - "Mas no vosso caso concreto?"
 B - "No nosso caso concreto ..."
- (15) A - "E quando é que se calcula que estará pronto?"
 B - "Calcula-se que estará pronto ..."

Pela reiteração deste processo de resposta directa ao pedido de informação - resposta directa que se apoia na repetição de formas lexicais do alocutário - B recusa implicitamente a estratégia de distanciamento de A, procurando sim a sua adesão.

2. O emprego de "fórmulas interlocutórias" ou "partículas discursivas interaccionais" (v. supra) sublinhando o "contacto" (cf. "função fática" de Jakobson) entre B e A, contribui também para uma atenuação do distanciamento de A. A procura de adesão de B a este nível, tem como suporte linguístico as partículas "não é" e "percebes".

(16) B - " ... se quer ter um, um critério para remunerações, não é, tem que ter o critério de..."

(17) B - " ... voltas a pontuar e essa função de contabilista passa-te a valer outra quantidade de dinheiro. Percebes?"

3. Em sequência de enunciados "informativos", B apresenta A, como directamente implicado na série de acções referidas, pela utilização de formas de tratamento pronominais e/ou verbais (Cintra, 1972) de 2ª pessoa (tu);

(18) B - "Isso tem que ser constantemente actualizado, quer dizer, cada vez que uma função é transformada, por exemplo, podés fazer uma facturação ou uma contabilidade toda manual, transcrições com cinquenta empregados, mas se tu arranjares bons serviços de mecanografia e um computador, reduzes as pessoas, mecanizas o trabalho, diminuis o grau de monotonia..., aumentas por outro lado o grau de instrução..., submetes de novo ao manual ... voltas a pontuar e essa função de contabilista passa-te a valer outra quantidade de dinheiro. Percebes?"

Noutras sequências podemos verificar uma insistência em formas de tratamento pronominais:

(19) B - "E as outras funções a mesma coisa. Cada vez que tu modifies a função ... tu submetes as funções de novo sempre à mesma grelha, que é o critério único, e voltas a colocá-las, a posicioná-las..."

(29) B - "... Porque por exemplo se tu detectares que tens uma série de anomalias... que te impeçam de fazer a qualificação, tens de esperar que essas anomalias sejam corrigidas ..., assim se tu tiveres uma série de encarregados a chefiar seções tu não sabes e hás-de qualificar..."

Pelo emprego de formas de tratamento de 2ª pessoa (tu) com uma denotação correspondente a formas impessoais (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1986, p.107), genéricas (mecaniza-se, modifica-se, etc.), B procura implicar o alocutário na situação denotada pelos enunciados e, deste modo, levá-lo a anular o seu distanciamento.

Os suportes linguísticos da procura de adesão e conseqüente tentativa de anulação do distanciamento de A, nas sequências de enunciados de B, são pois de diferentes tipos:

- resposta directa a pedidos de informação, ignorando a estratégia de distanciamento do alocutário;
- repetição de formas e/ou de conteúdos empregues pelo alocutário;
- emprego de "partículas discursivas interaccionais" (reforço de função fática);
- emprego de formas de tratamento de 2ª pessoa (tu) denotando formas impessoais, genéricas.

Num outro diálogo⁴ em que não se observa qualquer estratégia de distanciamento, os suportes linguísticos da procura de adesão são menos variados e presentes em enunciados de ambos os interlocutores, C e D, ao contrário do que referimos relativamente ao diálogo entre A e B.

Os locutores C e D empregam "partículas discursivas interaccionais" que agrupámos em dois grupos:

⁴ Inquérito nº 0965 dos Arquivos do "Português Fundamental".

1. partículas que exprimem um apelo de adesão ("não foi?", "não é?");
2. partículas que exprimem uma adesão ("pois", "Ah ... sabe ...").

Alguns exemplos contextuais:

1.1. "não foi?":

(21) C - "... foi mau, não foi?"

(22) C - "... foram apanhados desprevenidos, não foi?"

1.2. "não é?"

(23) D - "... muitos talvez com a aflicção empurravam uns aos outros, não é, e outros ficavam lá dentro (...) morria lá alguém, não é? ... A água arrastava a criança, não é?"

2.1.1. "pois" (resposta a "não é?":

(24) D - "daquela impressão, não é?"

C - "Pois."

D - "E vi também uma senhora a gritar, ... foi aqui pelo rio abaixo, não é?"

C - "Pois."

2.1.2. "pois" (não precedido de uma partícula de interrogação):

(25) D - "... tiveram a sorte de não serem apanhadas".

C - "Pois."

2.2. "Ah...sabe...":

(26) D - "Salvo erro trinta e tal pessoas que morreram, cá não passou."

C - "Ah, ainda foi muito; sabe, é que foram apanhadas desprevenidas, não foi?"

Temos assim o emprego de diferentes fórmulas que, interpelando o alocutário, o situam num espaço de adesão discursiva.

Sintetizando as análises propostas, as categorias conceptuais 'DISTANCIAMENTO' e 'PROCURA DE ADESÃO', em situação interlocutiva, podem ser expressas pelos seguintes meios:

1. 'DISTANCIAMENTO'

1.1. Contestação da pertinência do conteúdo informativo dos enunciados do alocutário e desafio argumentativo (v. "e depois?").

1.2. Organização do espaço interlocutivo, de modo a situar o alocutário na zona do que nem sequer merece ser nomeado (v. "isso").

1.3. Estratégia de reprovação - anunciada por um corte na coerência discursiva - estratégia segundo a qual enunciados, cujos conteúdos implícitos são interpretados como opostos aos seus conteúdos explícitos, são seguidos de uma justificação negativa, explícita (v. supra (8), "níveis de análise e envolvimento pragmático da mensagem" (Pottier), "universo de crença" (Martin), "leis do discurso" (Ducrot, Grice, Kerbrat-Orecchioni)).

2. 'PROCURA DE ADESÃO'

2.1. Não partilhada pelos interlocutores: Um dos interlocutores procura suspender ou anular a estratégia de distanciamento do alocutário.

2.1.1. Ignorando essa estratégia de distanciamento e dando respostas directas aos pedidos de informação. O carácter directo dessas respostas é reforçado pela repetição de um ou vários elementos lexicais ou semânticos das perguntas do alocutário (v. supra (10) a (15)).

2.1.2. Sublinhando o "contacto" (Jakobson) pelo emprego de "fórmulas interlocutórias" (Maçãs) ou "partículas discursivas interaccionais" (Schmidt-Radefelt) (v. "não é?", "percebes?").

2.1.3. Procurando implicar o alocutário na situação denotada pelos enunciados através do emprego de formas de tratamento de 2ª pessoa (tu), com uma denotação correspondente a formas impessoais, genéricas (ex. "mecanizas" vs. "mecaniza-se", "modificas" vs. "modifica-se").

2.1. Partilhada pelos interlocutores

N.B. Não se observa qualquer estratégia de distanciamento.

Emprego de partículas exprimindo

2.2.1. um apelo de adesão ("não foi?", "não é?")

2.2.2. uma adesão ("pois", "Ah ... sabe ...")

situam o alocutário num espaço de adesão discursiva.

Os limites deste trabalho não nos permitem uma conclusão definitiva. No entanto, as análises propostas parecem apontar para a conclusão seguinte: os suportes linguísticos das categorias conceptuais 'DISTANCIAMENTO' e 'PROCURA DE ADESÃO', em situação interlocutiva, apesar de pouco variados e simples a um nível de superfície, subtendem um conjunto de operações complexas que só uma linguística "multifacetada" poderá captar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. - La nature des pronoms. In E. Benveniste, Problèmes de linguistique générale. Paris: Gallimard, 1966.
- CARREIRA, M.H.Araújo - De l'intentionnel au linguistique: l'expression du 'DES-ACCORD' en portugais. Comunicação apresentada ao XVIII Congresso de Linguística e Filologia Romântica, Trier, Maio 1986.
- CINTRA, L.F.Lindley - Sobre formas de tratamento na língua portuguesa. Lisboa: Livres Horizonte, 1972.
- DUCROT, O. - Les lois de discours. Langue Française, 1979, n.º 42, 21-33.
- DUCROT, O. et al. - Les mots du discours. Paris: Minuit, 1980.
- GRICE, H.P. - Logic and conversation. In P. Cole (Ed.), Syntax and semantics (Vol. 3, Syntax and semantics). New York: Academic Press, 1975. (trad. française in Communications, 1979, n.º 30, 57-72)
- GRICE, H.P. - Further notes on logic and conversation. In P. Cole (Ed.), Syntax and semantics (Vol. 9, Pragmatics). New York: Academic Press, 1978.
- KERBRAT-ORIOUCHONI, C. L'implicite. Paris: A. Collin, 1986.
- MAÇAS, D. - Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno coloquial. Revista Biblos (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), 1976, 45, 153-266.
- MARTIN, R. - Pour une logique du sens. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- POTIER, B. Linguistique générale. Théorie et description. Paris: Klincksieck, 1974.

- POTTIER, B. - L'opposition verbo-nominale n'est pas un phénomène primaire. Modèles Linguistiques, 1984, 6, 61-65.
- ROULET, E., AUCLIN, R., MOESCHLER, J., RUBATTEL, C. et SCHELLING, M. - L'articulation du discours en français contemporain. Bern: Peter Lang, 1985.
- SCHMIDT-RADEFELT, J. - Partículas discursivas interaccionais no português e no espanhol em contraste com o alemão. In Homenagem a Herculano de Carvalho. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, à paraître.
- SETTEKORN, W. - Pragmatique et rhétorique discursive. Journal of Pragmatics, 1977, 1, 195-210.

APÊNDICE

Enunciados extraídos dos inquéritos 0289, 1264 e 0965 dos Arquivos do "Português Fundamental" do Centro de Linguística das Universidades de Lisboa (ã excepção de (2), (3) e (4), marcados +).

- (1) "E depois qual é a utilidade disso?"
- + (2) "Pois sim! E depois, qual é a utilidade disso?"
- + (3) "Qual a utilidade?"
- + (4) "Qual a utilidade?"
- (5) "E isso dá lugar a alterações?"
- (6) "E quantas pessoas é que estão a fazer isso?"
- (7) "Mas isso é uma empresa que tem muita gente?"
- (8) "Olhe, pronto, abre a porta, pá, tire o vermelho, porque não há hipótese nenhuma!"
- (9) "Que engraçado, tá ali um coiso vermelho! Porque é que os senhores hoje puseram o vermelho?"
- (10) A - "E depois qual é a utilidade disso?"
B - "A utilidade disso é, é ..."
- (11) A - "E isso dá lugar a alterações?"
B - "Isso tem que ser constantemente actualizado, quer dizer, ..."
- (12) A - "E quantas pessoas é que tão a fazer isso?"
B - "Tão cerca de dez ..."
- (13) A - "Mas isso é uma empresa que tem muita gente?"
B - "Tem entre seis mil e sete mil pessoas..."
- (14) A - "Mas no vosso caso concreto?"
B - "No nosso caso concreto..."
- (15) A - "E quando é que se calcula que estará pronto?"
B - "Calcula-se que estará pronto ..."
- (16) B - "... se quer ter um, um critério para remunerações, não é, tem que ter o critério de..."
- (17) B - "... voltas a pontuar e essa função de contabilista passa-te a valer outra quantidade de dinheiro. Percebes?"
- (18) B - "Isso tem que ser constantemente actualizado, quer dizer, cada vez que uma função é transformada, por exemplo, podes fazer uma facturação ou

uma contabilidade toda manual, transcrições com cinquenta empregados, mas se tu arranjares bons serviços de mecanografia e um computador, reduces as pessoas, mecanizas o trabalho, diminuis o grau de monotonia ..., aumentas por outro lado o grau de instrução..., submetes de novo ao manual ... voltas a pontuar e essa função de contabilista passa-te a valer outra quantidade de dinheiro. Percebes?

- (19) B - "E as outras funções a mesma coisa. Cada vez que tu modificas a função ... tu submetes as funções de novo sempre à mesma grelha, que é o critério único, e voltas a colocá-las, a posicioná-las..."
- (20) B - "... Porque por exemplo se tu detectares que tens uma série de anomalias ... que te impeçam de fazer a qualificação, tens de esperar que essas anomalias sejam corrigidas ..., assim se tu tiveres uma série de encarregados a chefiar secções tu não sabes se hás-de qualificar..."
- (21) C - "... foi mau, não foi?"
- (22) C - "... foram apanhadas desprevenidas, não foi?"
- (23) D - "... muitos talvez com a aflição empurravam uns aos outros, não é, e outros ficavam lá dentro (...) morria lá alguém, não é?" ... A água arastava a criança, não é?"
- (24) D - "daquela impressão, não é?"
- C - "Pois."
- D - "E vi também uma senhora a gritar, ... foi aqui pelo rio abaixo, não é?"
- D - "Pois."
- (25) D - "... tiveram a sorte de não serem apanhadas."
- C - "Pois."
- (26) D - "Salvo erro trinta e tal pessoas que morreram, cá não passou."
- C - "Ah, ainda foi muito; sabe, é que foram apanhadas desprevenidas, não foi?"